

ENTREVISTA PARA A RÁDIO TERRA NOVA

FERNANDO BORGES

CENTRO CULTURAL DE ÍLHAVO

IMEDIATAMENTE APÓS APRESENTAÇÃO DO ESPETÁCULO

29 de Janeiro 2016

Fernando Borges: Isto acaba por ser um desafio coletivo.

Joana Von Mayer Trindade: Sim, sim, obviamente. É uma corrida de fundo coletiva.

FB: É uma mistura de silêncio, ruído, emoções, ausência de emoções, paz, violência, harmonia, desarmonia, submissão. É um pouco tudo isto.

JvMT: Eu penso que sim.

FB.: Porquê uma trilogia de dançarinos?

JvMT: Acho que [Risos]... como eu vivi muito agora estou a ressoar por dentro, acho que ele está mais em condições de responder agora.

Hugo Calhim Cristovão: Tem uma ideia base no princípio, ou seja, a ideia base no princípio, muito base, era os dois anjos, o anjo-demónio e o ser humano no meio. A pessoa que está no meio acaba por representar, muito entre aspas, a humanidade, ou seja, sempre a tentar levantar-se, sempre a tentar cair, sempre a ir para a frente e a não conseguir, um movimento que é para a frente ou para trás, ou cima-baixo. Ou seja, é uma espécie de Sísifo, digamos assim.

FB: Uma tensão de poder e de submissão também.

HCC: Sim, não direta, mas está lá. E depois, ao lado há os dois lados, são duas pessoas que têm movimentos mais circulares e mais espirais, e que ao princípio representariam uma espécie de anjos demónios à volta dos humanos.

FB: A música aqui cria uma certa cadência, qual é o intuito da música?

HCC: A música foi construída de raiz pelo Paulo Costa ...

FB: ... criar uma cadência de movimentos e fazer uma associação entre o movimento e o som?

Paulo Costa: No início não diretamente, não é. A música entra como um fator de transe para induzir o movimento.

FB: Criar um ritmo próprio.

PC: Sim, que tenha um ritmo próprio com uma cadência que vai evoluindo até à exaustão. Vai repetindo, repetindo, criando a tensão necessária para o desenrolar da peça. A dualidade está sempre presente, mesmo na composição, do céu e do inferno, por assim dizer, o ritmo divide-se para um lado e para o outro e está sempre em combate constante. Não sei se dá para perceber bem isso auditivamente, mas é isso que acontece, com o acelerar a tensão vai-se criando pela repetição.

FB: Qual é o simbolismo de desaparecer a música por completo na parte final?

HCC: Há alturas em que há música e há alturas em que estamos em silêncio na nossa vida.

FB: E estáticos também, não é?

HCC: E estáticos também. Há alturas em que estamos parados, há alturas em que nos movemos muito e há alturas em que não nos conseguimos mover, em que estamos parados e as coisas não acontecem tão exteriormente mas mais a partir do interior, mais suavemente com outro tipo de ritmo. É como o dia, acorda-se de manhã acontece muita coisa, à noite quando se está sozinho... e a música pára porque tem que parar

naquela altura, não fazia sentido continuar.

FB: Quem assiste, creio eu, cria uma imagem do espetáculo. Acaba por ser um erro ou tem esse intuito de criar uma linha de conduta e um guião?

HCC: Nada é um erro. Nada do que o espetador possa sentir ou pensar é um erro, é o direito dele. Não se está a tentar passar uma mensagem direta às pessoas, é uma experiência que se quer que as pessoas passem e vivam, e depois tirem as suas conclusões, reflitam com.

FB: Acaba por ser de leitura difícil ou não?

HCC: Depende.

FB: Depende do público.

HCC: Depende do público sim. O que é que seria uma leitura fácil?

FB: Este espetáculo também deixa muitas interrogações, não é? Chegasse ao final e há muitas perguntas a fazer e não é fácil obter uma resposta.

HCC: Não, e as pessoas devem tentar respondê-las por si, é um bocadinho.

FB: Já agora disse-me que não é, este é um projeto que já tem alguma sequência?

JvMT (para HCC): o Fernando perguntou-me antes se era o nosso primeiro projeto, e eu disse que não, que já fizemos outras peças, outros projetos, portanto não é um primeiro projeto nesse sentido.

FB: Mas com um cariz diferente ou dentro desta ambiência?

HCC: dentro desta.

JvMT: dentro desta ambiência, mas com uma estética diferente, com um cariz diferente, com um simbolismo diferente. Mas há talvez uma espécie de metodologia de trabalho que acaba por estar presente ao longo dos projetos.

FB: Fisicamente e não só, mentalmente, acaba por ser cansativo para os dançarinos?

JvMT: Não é cansativo, mas é exigente, é focado, é intenso, exige uma grande disciplina interior, exige longos meses de trabalho antes, porque é uma peça que funde a fisicalidade com o estado e com a presença.

FB: E tem que haver também uma sincronia entre os três, não é?

JvMT: Sim, tem de existir uma espécie de confiança e cumplicidade, ao mesmo tempo, um desafio constante, uma pergunta constante sem resposta. Isso que o público sente, mais que ele, nós sentimos dentro também, estamos eternamente à procura, é um desafio, um desconhecido, um abismo, é um lançar para alguma coisa, é uma procura.

FB: Esteve pouco público, entre aspas, que noção tiveram da reação do público?

JvMT: Tivemos uma noção de pelo menos de ressonância. Sim, de ressonância. Acho que é um espetáculo que não vive das palmas no fim, exatamente aquilo que disse que é um espetáculo que levanta muitas questões em que as pessoas vão para casa e vão... se calhar amanhã vão falar, precisam de um tempo ...

FB: “Para digerir o espetáculo”.

JvMT: ...digerir, assimilar, da noite se calhar, da noite a dentro, o silêncio

a dentro.

FB: A vida continua, há mais projetos em carteira?

JvMT: Sim, claro.

FB: Qual é o próximo, já agora?

JvMT: O próximo vai ser com uma comunidade cabo-verdiana. É um projeto mais de cariz comunitário, em que o Paulo também vai fazer a música connosco porque já fez um projeto anteriormente com prisioneiras. Fizemos um projeto com nove presas da ala feminina da Santa Cruz do Bispo, que foi apresentado no Centro Português de Fotografia juntamente com uma exposição de fotografia. O próximo vai ser com a comunidade cabo-verdiana também mais de cariz comunitário. Ou seja, este é mais... digamos assim... todos nós somos profissionais do espetáculo e agora vamos voltar para um contexto mais comunitário, porque também nos agrada bastante trabalhar naquilo que é o desvio da sociedade, da margem ou à margem.

FB: Este foi um trabalho coletivo e criativo do grupo, ou alguém foi o líder deste projeto?

JvMT: Eu acho que há sempre um líder. Claro que há muito grupo, mas acho que neste caso o líder é o Hugo Eduardo Calhim Cristovão.

FB: Como músico, este ato criativo e criar música para um espetáculo deste género é uma exigência e um desafio?

PC: Sim, não é fácil. Não é fácil e é um grande desafio. Principalmente no início, no momento de receber a informação toda, de perceber o conceito e depois ter uma ideia que seja um fio condutor para todo o espetáculo que suporte tudo.

FB: É como começar a criar um puzzle e começar a juntar as peças.

PC: Sim, mais ou menos. Por acaso, neste espetáculo em si, as ideias que me vieram parar às mãos estavam mais ou menos em sintonia com algumas coisas que eu estava a criar no momento. Quando apresentei a música não houve assim... não digo que é fácil, mas acho que foi direto, foi relativamente direto.

JvMT: Uma sintonia, uma harmonia.

PC: Houve aqui uma sintonia grande, porque acho que consegui perceber bem as ideias de conceitos que eu também já andava a explorar, e por acaso surgiu relativamente rápido a ideia principal, depois foi trabalhar o detalhe e a continuidade.

FB: Ainda vão atuar de novo?

JvMT: Sim, vamos atuar no Festival Cumplicidades, em Lisboa, três noites. Depois temos uma data em Berlim, onde eu estudei, fiz o mestrado lá, e depois temos uma data em Viana do Castelo.

FB: Com este espetáculo?

JvMT: Com este espetáculo, para já são essas datas. Temos mais cinco espetáculos.

FB: Há sempre a perfeição e a imperfeição, nos próximos espetáculos ainda há algo a corrigir, que ainda possa ser melhorado?

PC: A nível musical ou...

FB: No geral.

HCC: Pode ser melhorado.

FB: Ainda há acertos a fazer?

HCC: Pode sempre ser melhorado porque um espetáculo nunca acaba,

nunca está terminado. Há sempre algo que pode ir mais longe. Mas não é tanto a corrigir, não é uma questão de correção neste ponto, não é se está certo ou se está errado. Mas há sempre caminho para melhorar, há sempre caminho para ir mais fundo, e há sempre coisas que podem acontecer e melhorar o espetáculo.

FB: E esses aspetos já estão em carteira também?

HCC: Já, já, já. Esses estão sempre, isso é uma coisa que estamos sempre a pensar.

FB: Para o próximo espetáculo querem deixar algum convite?

HCC: que vá assistir, acho eu.

JvMT e HCC: temos todo o gosto.

FB: Para quem não o viu ainda, o que é que podem esperar do espetáculo?

JvMT: Não há fórmulas.

FB: Não há fórmulas secretas.

JvMT: Não há fórmulas, nem para nós nem para o espetador.

HCC: Eu espero que possam esperar serem tocados.

JvMT: Interpelados, questionados.

HCC: Interpelados, tocados não só intelectualmente mas emocionalmente, é o que eu posso esperar.

FB: As emoções mexem muito no espetáculo?

HCC: Com as nossas mexe, esperamos com o público também.

FB: E o futuro da dança, qual o futuro?

JvMT: Continuar a dançar e continuar a dirigir enquanto coreógrafa. Continuar numa valência que se prenda entre profissionais e num registo também de educação artística tanto no que diz respeito a escolas como também... interessa-me muito trabalhar com comunidades desviantes, desde presas, desde pessoas que vivem à margem, que se calhar não têm acesso a este tipo de cultura. Acho que isso é essencial numa sociedade, a criatividade e a imaginação.

FB: Há vários coreógrafos no meio, temos qualidade?

JvMT: Temos, temos qualidade sim.

FB: É pena não haver oportunidades de trabalhar.

JvMT: Oportunidades e mais apoios do Estado, e que estes Centros Culturais sejam mais preenchidos com mais programação, programação mais arriscada, menos fácil [Risos].

FONTE

<https://archive.org/details/OCeuEApenasUmDisfarceAzulDoInfernoJoanaVonMeyerTrindade30012016>